

**INSTITUTO ENSINAR BRASIL
FACULDADES UNIFICADAS DE TEÓFILO OTONI**

**O TRAUMA NA CRIANÇA VÍTIMA DE ABUSO SEXUAL INTRAFAMILIAR NA
PERSPECTIVA PSICANALÍTICA FREUDIANA**

**TEÓFILO OTONI – MG
2018**

**BRUNA FERNANDES COUTO
BRUNO MARCOS DE JESUS LUIZ
DANIELY PINHEIRO DE SOUZA
FACULDADES UNIFICADAS DE TEÓFILO OTONI**

**O TRAUMA NA CRIANÇA VÍTIMA DE ABUSO SEXUAL INTRAFAMILIAR NA
PERSPECTIVA PSICANALÍTICA FREUDIANA**

**Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Psicologia
das Faculdades Unificadas de Teófilo
Otoni, como requisito parcial para a
obtenção do grau de bacharel em
Psicologia**

Área de concentração: Psicanálise

**Orientador Prof. Neuslete Esteves dos
Santos Neumann**

TEÓFILO OTONI – MG

2018



FACULDADES UNIFICADAS DE TEÓFILO OTONI

FOLHA DE APROVAÇÃO

O Trabalho de Conclusão de Curso intitulado O TRAUMA NA CRIANÇA VÍTIMA DE ABUSO SEXUAL INTRAFAMILIAR NA PERSPECTIVA PSICANALÍTICA FREUDIANA, elaborado pelos alunos BRUNA FERNANDES COUTO, BRUNO MARCOS DE JESUS LUIZ E DANIELY PINHEIRO DE SOUZA foi aprovado por todos os membros da banca examinadora e aceita pelo curso de Psicologia das Faculdades Unificadas de Teófilo Otoni como requisito parcial para a obtenção do título de

BACHAREL EM PSICOLOGIA

Teófilo Otoni, 12 de dezembro de 2018

Prof. Orientador

Examinador

Examinador

“O pensamento é o ensaio da ação.”
(Sigmund Freud)

RESUMO

O abuso sexual contra crianças é uma violação de direitos humanos e um grave problema de saúde pública, dados do Ministério da Saúde entre 2011 e 2017, o Brasil teve um aumento de 83% nas notificações gerais de violências sexuais contra crianças e adolescentes, segundo boletim epidemiológico. A maioria das ocorrências com crianças ocorre dentro de casa e os agressores são pessoas do convívio das vítimas, geralmente familiares. Dessa forma torna-se necessário mostrar como o abuso sexual pode impactar na vida psíquica de uma criança. O presente trabalho tem como objetivo, discutir como se dá o posicionamento da criança frente ao trauma quando em situação de abuso sexual intrafamiliar, a partir da perspectiva psicanalítica freudiana, e foi realizado através de uma pesquisa exploratória com intuito de realizar um levantamento de dados literários sobre o tema. Percebe-se que cada criança vivencia o abuso sexual de forma própria, para alguns autores o ato pode se tornar traumático, podendo desencadear psicopatologias e/ou mudanças comportamentais. Esse ato como ocorre principalmente no ambiente familiar, pode ser nocivo a saúde mental da criança, pois interfere no seu desenvolvimento cognitivo.

Palavras-chave: Abuso Sexual Infantil. Psicanálise. Trauma. Consequências Psicológicas

ABSTRACT

Sexual abuse against children is a violation of human rights and a grave public health problem, data from the Ministry of Health between 2011 and 2017, Brazil had an increase of 83% in general notifications of sexual violence against children and adolescents, according to the epidemiological newsletter. Most occurrences with children occur in the home and the perpetrators are people living with the victims, usually family members. In this way it becomes necessary to show how sexual abuse can impact on the psychic life of a child. The objective of this study is to discuss how the child's positioning in the face of trauma occurs in situations of intrafamily sexual abuse from a Freudian psychoanalytic perspective and was carried out through an exploratory research with the purpose of carrying out a survey of literary data about the subject. It is noticed that each child experiences the sexual abuse of own form, for some authors the act can become traumatic, being able to trigger psychopathology and / or behavioral changes. This act, which occurs mainly in the family environment, can be harmful to the child's mental health, as it interferes with their cognitive development.

Keywords: Child, Sexual Abuse, Psychoanalysis, Trauma, Psychological, Consequences.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2 REFERENCIAL TEÓRICO	9
2.1 A Sexualidade infantil em Freud	9
2.1.1 Complexo de Édipo em Freud	12
2.1.2 A Criança como sujeito da Psicanálise Freudiana	15
2.2 Incesto e Abuso sexual	21
2.3 Conceito de trauma na perspectiva psicanalítica freudiana	25
2.4 Contribuições da Psicanálise na atuação com crianças vítimas de abuso sexual	29
3 METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS TÉCNICOS DA PESQUISA	35
3.1. Classificação da pesquisa quanto aos fins	35
3.2. Classificação da pesquisa quanto aos meios	35
3.3. Tratamento dos Dados	36
4 DISCURSÃO E RESULTADOS	37
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS	41

1. INTRODUÇÃO

O abuso sexual é o segundo maior tipo de violência no Brasil, segundo levantamento do Ministério da saúde (2011), que registrou 14.625 notificações de violência sexual, física e outras agressões contra crianças menores de 10 anos. Conforme Habigzang et. Al (2008) e a OMS (2002 apud LIMA; DESLANDES, 2015, p.662) além de uma violação dos direitos humanos, o abuso contra crianças é um grave problema de saúde pública, pois esse tipo de violência pode acarretar inúmeras implicações para o desenvolvimento da criança, em termos físicos, psíquicos, sexuais e sociais.

Para a teoria psicanalítica freudiana o abuso sexual infantil incestuoso está relacionado a pulsão do indivíduo na busca do prazer e satisfação. Para se viver em sociedade o indivíduo reprime seus desejos, mas nem sempre há êxito, ocorrendo assim a passagem a ação.

Dentre os tipos de abuso sexual está o abuso sexual incestuoso que segundo (MOUAMMAR, 2012, p.10) é o que se encontra com mais ocorrências e o que traz mais horror a sociedade, podendo causar em algumas pessoas implicações psíquicas danosas, que podem levar o indivíduo a desenvolver o trauma. O trauma é “[...] um processo inerente a constituição psíquica, também o entende como algo que impede o afluxo pulsional e que paralisa o acontecer psíquico em alguma de suas dimensões.” (VIANA& ZAVARONI, 2015, p.331)

Para a psicanálise a criança é vista como um sujeito em construção dotado de desejos, sentimentos e sexualidade, não a sexualidade do adulto, mas a sexualidade voltada para o próprio corpo, o que causou um impacto muito grande, pois para a sociedade, pois a criança era tida como assexuada. Freud abre um campo para se pensar a criança através do inconsciente.

Nota-se que o segredo está presente em boa parte das situações de abuso, isso ocorre por diversos motivos, dentre eles, medo de ser desacreditada, ameaças por parte do abusador, etc. Freud (1905) nos estudos com suas pacientes histéricas verificou que algumas situações sexuais vivenciadas na infância, que eram trazidas por suas pacientes, aconteciam apenas na realidade psíquica das pacientes.

A pesquisa contribuirá no sentido de contribuir na identificação de situações potencialmente traumáticas em crianças vítimas de abuso sexual incestuoso. Quanto

aos profissionais psicanalistas se enfatiza a importância da escuta, e da principal premissa da psicanálise a associação livre, onde o paciente é levado a superar as resistências para que o conteúdo recalçado venha a tona, para assim curar-se.

Este trabalho foi realizado através de uma pesquisa exploratória, com o intuito de realizar um levantamento de dados literários sobre o tema e tem como principal objetivo discutir como se dá o posicionamento da criança frente ao trauma quando em situação de abuso sexual intrafamiliar a partir da perspectiva psicanalítica freudiana, visando identificar na obra freudiana o conceito de sexualidade infantil, trauma, bem como discutir o incesto e abuso sexual, e as contribuições da psicanálise.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A Sexualidade infantil em Freud

A sexualidade infantil é vista por grande parte das pessoas como inexistente, acreditando-se que ela apenas se iniciasse com a chegada da puberdade. Em obras sobre o tema existem notas sobre a sexualidade prematura em crianças, o que é citado apenas ocasionalmente, não sendo um assunto amplamente explorado. É desconhecido que algum autor tenha declarado a existência de traços da pulsão sexual na infância, Segundo (FREUD, 1901-1905, p.107) um dos motivos da omissão se deve ao fato de haver uma amnésia, que oculte as lembranças dos primeiros anos de vida de algumas crianças até o sexto ou oitavo ano de idade, ficando essas lembranças inacessíveis e recalçadas, sendo impedidas pela consciência de vir a luz.

Creio, pois, que a amnésia infantil, que converte a infância de cada um numa espécie de época pré-histórica e oculta dele os primórdios de sua própria vida sexual, carrega a culpa por não se dar valor ao período infantil no desenvolvimento da vida sexual. (Freud, 1901-1905, p.108)

A sexualidade nas crianças a qual Freud faz referência, se diverge da sexualidade dos adultos, pois ela não diz da união de corpos, nem do coito, mas ela se refere a uma satisfação no próprio corpo, não em um objeto externo. Freud caracteriza a sexualidade infantil como perverso-polimorfa pois não tem como finalidade a reprodução e não tem apenas um objeto sexual. Para Freud a sexualidade humana se distancia do instinto pois não tem como objetivo único a reprodução.

O autor caracteriza a sexualidade infantil em quatro fases, sendo a primeira delas a fase oral, onde a criança passa da amamentação como necessidade nutritiva para o chuchar como fonte prazer.

Uma das manifestações sexuais mais comuns na infância está o ato de chuchar, que significa o contato dos lábios de forma a sugar algum ponto da pele, seja ele lábios, dedão do pé, dentre outros não tendo a finalidade nutritiva. Para Freud o chuchar é considerado na infância como uma prática de subversão precoce.

“O sugar com deleite alia-se a uma absorção completa da atenção e leva ao adormecimento, ou mesmo a uma reação motora numa espécie de orgasmo.

Não raro, combina-se com a fricção de alguma parte sensível do corpo como os seios ou a genitália externa. Por esse caminho, muitas crianças passam do chuchar para a masturbação.” (Freud, 1901-1905 p.169)

A criança ao realizar esse ato de forma rítmica procura a obtenção de um prazer que ela já vivenciou anteriormente e que é relembrado. Há uma diferenciação da necessidade do alimento como fonte de nutrição para a necessidade de se satisfazer sexualmente.

Nem todas as crianças praticam esse chuchar. É de se supor que cheguem a fazê-lo aquelas em quem a significação erógena da zona labial for constitucionalmente reforçada. Persistindo essa significação, tais crianças, uma vez adultas, serão ávidas apreciadoras do beijo, tenderão a beijos perversos ou se forem homens, terão um motivo para beber e fumar. Caso sobrevenha o recalçamento, porém, sentirão nojo da comida e produzirão vômitos histéricos. Por força da dupla finalidade da zona labial, o recalçamento se estende á pulsão de nutrição. (Freud, 1901-1905 p.171)

As zonas erógenas são pontos da pele ou mucosa que com algum tipo de contato produzem uma sensação de prazer. A zona anal sucede a fase oral, é uma zona originalmente de grande promoção de excitação, onde a criança começa a controlar seus esfíncteres. Freqüentemente ocorrem desarranjos intestinais na infância, o que promove grande excitação.

As crianças que tiram proveito da estimulabilidade erógena da zona anal denunciam-se por reterem as fezes até que sua acumulação provoca violentas contrações musculares e, na passagem pelo ânus, pode exercer uma estimulação intensa na mucosa. Com isso, hão de produzir-se sensações de volúpia ao lado das sensações dolorosas. Um dos melhores presságios de excentricidade e nervosismo posteriores é a recusa obstinada do bebê a esvaziar o intestino ao ser posto no troninho, ou seja, quando isso é desejado pela pessoa que cuida dele, ficando essa função reservada para quando aprouver a ele próprio. Naturalmente, não é que lhe interesse sujar a cama; ele está apenas providenciando para que não lhe escape o dividendo de prazer que vem junto com a defecação. (Freud, 1901-1905 p.175)

Na terceira fase, a fálica, a atenção da criança se volta para o estímulo de seus genitais.

Por sua posição anatômica, pelas secreções em que estão banhadas, pela lavagem e fricção advindas dos cuidados com o corpo e por certas excitações acidentais (como as migrações de vermes intestinais nas meninas), é inevitável que a sensação prazerosa que essas partes do corpo são capazes de produzir se faça notar á criança já na fase de amamentação, despertando uma necessidade de repeti-la. (FREUD,1901-1905, p.115)

Para Freud, nesse período as crianças se sentem curiosas acerca do órgão sexual alheio, demonstra muita satisfação em estar com o corpo desnudo, sendo em seus anos iniciais bastante desinibidos. O menino acredita que todas as pessoas possuem o órgão sexual igual ao seu, já a menina ao ver a genitália masculina sente uma enorme inveja do pênis o que a faz desejar ser um menino.

Finalizando as fases da organização libidinal está a fase genital, onde antes existiam as pulsões parciais, são canalizadas na zona genital tendo como objeto o pênis e a vagina.

Das zonas erógenas, a genital está correlacionada a micção e é de onde advém sensações de grande prazer, tanto em meninos quanto em meninas é comum que ocorra atos de masturbação, seja ele com as mãos ou mesmo com a pressão das coxas.

Em algum momento da infância posterior ao período de amamentação, comumente antes do quarto ano, a pulsão sexual dessa zona genital costuma redespertar e novamente durar algum tempo, até ser detida por uma nova supressão, ou prosseguir ininterruptamente. As circunstâncias possíveis são muito variadas e só é viável apreciá-las mediante uma análise mais rigorosa dos casos individuais. Mas todos os detalhes dessa segunda fase de atividade sexual infantil deixam atrás de si as mais profundas marcas (inconscientes) na memória da pessoa, determinam o desenvolvimento de seu caráter, caso ela permaneça sadia, e a sintomatologia de sua neurose, caso venha a adoecer depois da puberdade. (Freud, 1901-1905 p.178)

Algumas crianças são colocadas como objeto sexual de forma precoce, desde os primeiros cuidados da mãe a um investimento no corpo da criança, ou mesmo em outras ocasiões tanto por crianças quanto por adultos, o que em circunstâncias inadequadas traz o conhecimento em relação as zonas genitais, esse é um dos motivos externos do despertar da sexualidade na criança, o que também pode ocorrer por causas internas. A criança em seus anos iniciais é desinibida e demonstra bastante satisfação ao estar com o corpo desnudo e se sentem curiosas acerca do órgão genital alheio.

Segundo Zornig (2008, p.75):

(...) as etapas de desenvolvimento libidinal (oral, anal e fálica) propostas por Freud (1908/1976b, 1923/1976d) têm que ser pensadas não só como privilegiadoras de zonas erógenas do corpo em um determinado momento do desenvolvimento global da criança, mas também como inscrições que se fazem no psiquismo a partir das relações estabelecidas entre a criança e os adultos que ocupam a função de pais. É preciso que uma mãe dê a seu bebê uma dimensão subjetiva, um estatuto singular para que ele possa se

reconhecer, além de um corpo biológico, orgânico, como um sujeito dotado de importância para o outro.

Freud em sua obra explicitou a importância da sexualidade infantil por considerá-la como um fator decisivo para a estruturação da singularidade do sujeito. Entende-se então que além da importância do desenvolvimento libidinal, há também a inscrição de uma dimensão subjetiva que é construída a partir do contato na relação entre a criança e sua mãe.

2.1.1 Complexo de Édipo em Freud

O complexo de Édipo está entre os conceitos mais importantes da teoria psicanalítica Freudiana, sendo o ponto fundamental para a construção do sujeito e sua sexualidade. Freud se inspirou em obras da literatura clássica para tratar do mito grego do Édipo Rei.

Segundo a tragédia grega, Édipo desposa sua mãe e mata o seu pai segundo o trecho abaixo citado no trabalho de Pacheco (2009, p.40)

Vi também a mãe de Édipo, a bela Epicasta. Ela, sem o saber, cometeu um grande crime, casando-se com o filho, que a desposou após matar e despojar o pai. Os deuses rapidamente fizeram que a notícia circulasse entre os homens. Édipo, todavia, apesar de tantos sofrimentos por funestos desígnios dos deuses, continuou a reinar sobre os Cadmeus, na muito amada Tebas. Ela, porém, desceu à mansão de Hades, de sólidas portas, depois de atar, dominada pela dor, um laço a uma alta viga, deixando ao filho, como herança, inúmeros sofrimentos com que as Erínias punem os delitos cometidos contra uma mãe. (BRANDÃO, 1991, p.203).

Na concepção psicanalítica Freudiana no complexo de Édipo, a criança em torno de 3 a 5 anos sente amor pelo genitor do sexo oposto e ódio pelo genitor do mesmo sexo, o que pode ocorrer também de maneira inversa, ódio pelo genitor do sexo oposto e amor pelo genitor do mesmo sexo, sendo o último chamado de complexo de Édipo negativo.

A primeira menção de Freud ao termo complexo de Édipo foi em 15 de outubro de 1887, onde ele relata que certamente a maioria das pessoas já vivenciaram o Complexo de Édipo, embora tal fato tenha sido recalcado.

Na fase fálica a criança acredita que todas as pessoas possuem um pênis, acreditando que as pessoas que não o possuem tenham sido castrados. O complexo de castração é o sentimento ao qual a criança experencia ao verificar a diferença entre os órgãos genitais feminino e masculino. Daí a fantasia que existem pessoas com pênis e outras que já tiveram, mas que o órgão fora amputado. A criança do sexo masculino sente-se angustiado por medo da castração, a criança vê a castração como punição por seus desejos incestuosos, desejos esses que a criança dirige ao pai e a mãe, tal fato faz com que ele saia do complexo de Édipo.

Para Freud, na menina ocorre a inveja do pênis, pois ela deseja ter um órgão sexual igual ao do menino, o que marca a entrada no complexo de Édipo. Na puberdade no período de latência ocorre o declínio do complexo de Édipo e finalmente a escolha objetal.

A escolha do objeto não pode ser a fonte de excitação original, a mãe, mas carrega em si a imagem mnêmica deste objeto, tal como essa imagem o dominou desde os primeiros anos da infância, o que poderá levar a um desenvolvimento sexual perturbado ou o adoecimento neurótico. A perturbação do relacionamento entre pais e filho poderá levar as mais severas consequências para a vida sexual na maturidade. A afeição infantil pelos pais não é o único, mas é o mais importante dos vestígios que, reavivados na puberdade, apontam o caminho para a escolha do objeto. É nessa relação com seus primeiros laços emocionais, em geral com a mãe, que a criança se constitui como sujeito. (BARBOSA, 2012, p.6)

Freud (1910) mostra a relação entre a história infantil edipiana e a escolha objetal que ocorre posteriormente na vida adulta.

De acordo com Pacheco (2009, p. 48):

Aprendi a ver nessas relações amorosas inconscientes entre pai e filha ou entre mãe e filho, conhecidas por suas consequências anormais, uma revivificação de germes dos sentimentos infantis. Expus em outros lugares em que tenra idade a atração sexual se faz sentir entre pais e filhos, e mostrei que a lenda de Édipo provavelmente deve ser considerada como a elaboração poética do que há de típico nessas relações. É provável que se encontre na maioria dos seres humanos um traço nítido dessa inclinação precoce da filha pelo pai e do filho pela mãe (...). (idem, ibidem, p.59).

Para a estruturação da teoria do complexo de Édipo na Psicanálise, Freud elaborou um mito em “Totem e Tabu” onde um pai severo que tem para si todas as mulheres é morto e devorado por seus filhos. Porém os filhos inconscientemente se

identificam com o pai assassinado e sentem-se arrependidos dando ainda mais força ao pai primevo.

É a partir do sentimento de culpa filial que os dois principais tabus do totemismo são criados, e que correspondem aos dois desejos recalcados do complexo de Édipo. Quem transgride o tabu é culpado pelos dois crimes de interesse da sociedade primitiva: o parricídio e o incesto. Os filhos que se uniram para derrotar o pai tornaram-se rivais em relação às mulheres. Para que pudessem continuar vivendo juntos instituíram a lei do incesto renunciando às mulheres que desejavam — motivo pelo qual se livraram do pai. Deste modo, salvam a organização que os tornou fortes. (idem, ibidem). (Pacheco ,2009, p.54)

No complexo de Édipo na menina ocorre uma passagem do objeto de amor primeiro que é a mãe, para o pai.

Para a menina, a mãe também é o primeiro objeto de amor, é a ela que a menina dirige seus primeiros investimentos libidinais. Esse período é chamado de pré-edipiano e é muito importante, é possível que leve um longo tempo e contenha todas as fixações e recalques que levem a origem das neuroses nessa época. O pai é um rival, sendo sua hostilidade em relação a ele mais suave do que a dos meninos. Entretanto, diferentemente dos meninos, abandona seu objeto de amor original passando a ter o pai como objeto de amor. (PACHECO, 2009, p.54)

Na menina o desejo de ter um pênis se volta ao desejo de ter um filho de seu pai.

Diante do temor de castração, no caso dos meninos, e das repetidas experiências, desapontamentos e frustrações, no caso das meninas, vence o narcisismo da criança que, como solução para seus desejos, opera uma identificação com os pais. (Pacheco, 2009, p.56)

No texto Freudiano “ A dissolução do complexo de Édipo” (1924, vol. XIX) é salientado a importância do complexo de Édipo na infância, pois ocorre uma interiorização da autoridade paterna bem como uma identificação com o mesmo, dessa forma a criança se opõe aos desejos edipianos.

O complexo de Édipo naufraga e, uma vez submerso, possibilita a emergência do supereu como seu herdeiro. É a constituição do supereu que leva o indivíduo a se inserir na cultura, humanizando-o. O supereu deve ser compreendido como uma interiorização do agente paterno como sinônimo de interdição do incesto. Por isso podemos dizer que esse ganho narcísico é considerável. Renunciar a ser o pai torna possível ser como o pai através do processo de identificação.” (ildem, ibidem)(Pacheco, 2009, p.52)

Com o declínio do complexo de Édipo, a criança se identifica com o pai, intojeta as leis paternas, ocorrendo assim a interdição ao incesto despontando dessa forma o supereu.

2.1.2 A Criança como sujeito da Psicanálise Freudiana

Segundo a leitura de Freud se trata de uma complexidade, uma vez que a criança é compreendida desde suas raízes a sua construção psíquica, sob uma perspectiva do inconsciente que é foco central da psicanálise.

A concepção de criança perpassa por uma trajetória histórica, e tem se modificado no decorrer dos anos, vale destacar a visão de Freud que propõe um novo olhar para se pensar essa criança, uma concepção que antes era desconhecida, e que provoca certa idealização da criança, de forma própria onde traz alguns questionamentos sociais, culturais, religiosos.

Segundo Barbosa e Chaves (2016, p. 44),

O que nos faz refletir sobre como a sociedade contemporânea de Freud recebeu um modo de perceber a criança, que não lhe negava as manifestações afetivo-emocionais e afetivo-sexuais. O ideal social sobre a criança está tomado de expectativas que envolvem características como inocência, pureza e um ser que pode ser corrompido pelo meio em que vive caso não seja “educado.

Dessa maneira a idéia que se tinha de criança, como um ser inocente, pura, assexuada. Em seguida houve a descoberta da sexualidade infantil em Freud, onde propôs uma nova concepção de criança, onde causou muito impacto na sociedade da época, e com isso o autor sofreu várias críticas.

Nos escritos de Pizutti (2012) aborda na obra freudiana, Interpretação dos Sonhos (1900) e Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade (1905), uma possível significativa contribuição para se pensar na constituição do sujeito. Neste momento houve uma descoberta que até então não tinha atenção dos adultos, sobre a sexualidade e sua importância na primeira infância, entendida como motor de nosso psiquismo.

De acordo Barbosa e Chaves (2016, p.44) (...) “a criança psicanalítica refere-se a um ser que se apresenta orgânica e psiquicamente em construção. Na obra

freudiana, encontramos a palavra criança ligada a temas como inconsciente, sexualidade, entre outros”.

Há uma semelhança nas idéias dos autores citados acima com as idéias de Prizskulnik, que traz uma reflexão da criança proposta pela psicanálise freudiana, levando em consideração a noção de inconsciente e sexualidade.

Para a autora Prizskulnik (2004, p.72) “A criança que Freud descortina sente tristeza, solidão, raiva, desejos destrutivos, vive conflitos e contradições, é portadora de sexualidade, escapa ao controle da educação”.

Várias são as semelhanças dos autores acerca dessa concepção de criança, percebe-se que

(...) Freud com a Psicanálise abre um campo de investigação antes desconhecido. Introduce a noção de inconsciente e abala a confiança que a cultura ocidental deposita na razão. “Descobre” a sexualidade infantil e contesta a idéia da “inocência” da criança, o que também provoca abalos na concepção que o ser humano tem dele mesmo. (PRISZKULNIK, 2004, p.74)

Ainda sobre a autora Prizskulnik (2004) a psicanálise propõe uma nova visão sobre o ser humano, marcado pelo inconsciente, que se mostra ao mesmo tempo familiar, um ser passível de sonhar, amar, desejar, construir crenças, odiar, culpar-se, etc.

Sendo assim, torna-se importante abordar como se dava essa questão de consciente e inconsciente para Freud. De que forma essas instâncias predominavam no sujeito.

Nas obras psicológicas completas de Sigmund Freud sobre “A história do movimento psicanalítico, artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos” (1915), houve a proposta da primeira tópica freudiana, a concepção da palavra aparelho, para caracterizar uma organização psíquica no sujeito dividida em sistemas, ou instâncias psíquicas, com funções específicas para cada uma delas, que estão interligadas entre si, ocupando um certo lugar na mente. Definindo assim os seguintes sistemas, inconsciente, pré-consciente e consciente.

A perspectiva psicanalítica freudiana leva em consideração a existência desses três sistemas psíquicos, para conceber o sujeito, como se fosse um aparelho, onde

cada uma tem sua função própria e uma dependente da outra. Resumindo assim a função de consciente, seria o local de idéias que tiveram acesso direto à consciência; pré-consciente, a localização do material suscetível de se tornar consciente facilmente; inconsciente, a localização de tudo o que havia sido reprimido da consciência e se tornou, assim, inacessível a ela. (FREUD, 1915)

Segundo Freud (1925, p. 178), ao se referir as três instâncias:

(...) Na primeira fase, o ato psíquico é inconsciente e pertence ao sistema Ics, se, no teste for rejeitado pela censura, não terá permissão para passar à segunda fase; diz-se então que foi 'reprimido', devendo permanecer inconsciente. Se, porém, passar por esse teste, entrará na segunda fase e pertencerá ao sistema Cs. Ainda não é consciente, pode agora, sob certas condições, torna-se um objeto da consciência sem qualquer resistência especial. Contentemo-nos em ter em mente que o sistema Pcs, participa das características do sistema Cs, e que a censura rigorosa exerce sua função no ponto de transição do Ics para o Pcs.

Torna-se necessário compreender a trajetória que o sujeito passa para se constituir. Freud propõe como um dos fatores fundamentais a discussão do narcisismo no desenvolvimento sexual e ideal de ego. Como exemplificado na obra de Freud sobre "Duas Histórias Clínicas (o "Pequeno Hans" e "Homem dos Ratos") 1909, onde retrata o caso do Pequeno Hans.

No caso clínico de fobia do pequeno Hans, Freud expõe detalhes sobre a teoria da sexualidade infantil, e o narcisismo primário e sua evolução para relação de objeto (COSTA, 2016).

Com quatro anos e meio, Hans questionava bastante sobre os órgãos sexuais e diferenças anatômicas entre o homem e a mulher. "O nascimento de bebês e envolvido por uma série de fantasias ligadas a masturbação, a escopofilia, ao Édipo e ao sentimento de castração" (COSTA, 2016, s/p).

Segundo relatos de Costa (2016):

A vivência da sexualidade infantil despertou em Hans o temor de castração e intensa ansiedade que foi deslocada para um objeto fobígeno no mundo externo e desencadeou o desenvolvimento de uma fobia. O que Freud quis enfatizar é que o conhecimento das teorias da sexualidade infantil é imprescindível para se compreender as doenças psíquicas e que sendo elas mal orquestradas formam o complexo nuclear de uma neurose.

Por causa do seu terror noturno, Hans dormia com os pais, isso intensificou o amor edipiano pela mãe, aumentando a agressividade para com o pai. Esse amor fez

com que ele desejasse a queda e morte do pai, assim como um cavalo que viu cair, mas se sentia culpado por sentir esse sentimento agressivo (COSTA, 2016).

O afeto erótico de Hans contido por sua mãe foi transformado em uma ansiedade deslocada para medo de cavalos, e a agressividade para com o pai foi transformada no medo de ser mordido pelo cavalo. Esse medo de cavalos o restringiu de sua liberdade, ou seja, de sair de casa, mas obteve um lucro secundário, pois adoecia e ficava mais perto da mãe (COSTA, 2016).

Ao relatar esse caso, Freud pretendeu comprovar suas hipóteses sobre a gênese e a evolução da sexualidade infantil. “Aparece nesse caso o que acontece com todas as crianças umas mais cedo outras mais tarde e o que diferencia dos neuróticos é que para superar seus complexos fazem uso de substituições excessivas” (COSTA, 2016, s/p).

“A fobia de Hans era produto de uma deformação, um deslocamento do medo de ser castrado”, pois na fobia, essa angústia se desloca, e ao encontrar um objeto que tenha uma representação psíquica, foca o medo para este, e fantasia que tem controle sobre o medo (COSTA, 2016, s/p).

Sendo assim, esse caso do Pequeno Hans trouxe muitas influências para compreensão da criança, Freud foi o primeiro psicanalista a falar sobre o uso do método psicanalítico com crianças, e só assim conseguiu chegar à elaboração de alguns conceitos. Alguns conceitos foram abordados no caso e serão citados abaixo para melhor compreensão.

De acordo Freud (1914, p.78),

O narcisismo era uma fase intermediária necessária entre o auto-erotismo e o amor objetual. (...) o lugar ocupado pelo narcisismo no desenvolvimento sexual, penetra nos problemas mais profundos das relações entre o ego e os objetos externos, traçando a nova distinção entre ‘libido do ego’ e ‘libido objetual’. Outroassim – e talvez seja este o ponto mais importante -, introduz os conceitos do ideal do ego e do agente auto-observador a ele relacionado, que constituíram a base do que finalmente, veio a ser descrito como o superego. O valor dos conceitos ‘libido do ego’ e ‘libido do objeto’ reside no fato que se originam do estudo das características íntimas dos processos neuróticos e psicóticos. A diferenciação da libido numa espécie que é adequada ao ego e numa outra que está ligada a objetos é o corolário inevitável de uma hipótese original que estabelecia distinção entre os instintos sexuais e os instintos do ego. Sendo assim, libido do ego seria aquela cota de energia da pulsão sexual investida no ego e nas representações de si mesmo. Libido objetual seria aquela alocada nas representações mentais do objeto externo.

No caso do Pequeno Hans percebe-se a vivência de atividades sexuais precoces e o narcisismo vivenciado por ele (ideal do ego), a relação que ele faz entre o ego e os objetos externos. O interessante do caso é perceber o quão complexo é a capacidade da criança de construir explicações e fantasias a partir do que experimenta.

Segundo relatos de Freud (1914, p. 84):

(...) uma unidade comparável ao ego não pode existir no indivíduo desde o começo; o ego tem de ser desenvolvido. Os instintos auto-eróticos, contudo, ali se encontram desde o início, sendo, portanto, necessário que algo seja adicionado ao auto-erotismo – uma nova ação psíquica – a fim de provocar o narcisismo.

Para Freud (1914, p.81), “o termo narcisismo denota a atitude de uma pessoa que trata seu próprio corpo da mesma forma pela qual o corpo de um objeto sexual é comumente tratado – o que o contempla, vale dizer, o afaga e o acaricia até obter satisfação completa através dessas atividades”.

Os resgates desses conceitos são necessários para alcançar uma compreensão da complexidade desse sujeito.

Tardiamente Freud, em sua obra “O ego e o Id e outros trabalhos” (1923), elabora os conceitos de ego, id e superego, não com objetivo de substituir os conceitos de consciente, pré-consciente e inconsciente, mas se trata de um deslocamento temático a servir de base para complementar as instâncias.

O ego remete a um ego corporal, tem como representante a realidade externa, efeito das sensações corporais, não se reduz a consciência, uma parte do ego também é inconsciente, não há mais oposição entre ego e inconsciente, o ego atua como mediador entre o id e o mundo externo; constitui como uma instância autônoma e como agente crítico. (FREUD, 1923)

O id é a parte inacessível do nosso psiquismo e suas características são opostas às do ego, no id não há negação, obediência a não contradição, vontade coletiva, juiz de valor, bem, mal, moralidade, assim como também não há temporalidade. (FREUD, 1923)

O superego é visto como representante do mundo interno e herdeiro do complexo de Édipo, possui as funções de auto-observação, consciência moral e de ideal de ego. (FREUD, 1923)

Dessa forma, nota-se que para compreender como essa criança se constitui é um processo complexo, que vem desde suas raízes à sua construção psíquica, que começa desde as fases da sexualidade como citado anteriormente, instâncias psíquicas, noção de inconsciente e ideal de ego, onde vai proporcionar a criança ser inserida no seu processo de estruturação.

O ideal de ego, portanto é herdeiro do complexo de Édipo, e, assim, constitui também a expressão dos mais poderosos impulsos e das mais importantes vicissitudes libidinais do id. Erigindo esse ideal de ego, o egodominou o complexo de Édipo e, ao mesmo tempo, colocou-se em sujeição ao id. Enquanto que o ego é essencialmente o representante do mundo externo, da realidade, o superego colocasse, em contraste com ele, como representante do mundo interno, do id. Os conflitos entre o ego e o ideal, em última análise refletirão o contraste entre o que é real e o que é psíquico, entre o mundo externo e o mundo interno. (FREUD, 1923, p.22)

Freud em suas considerações sobre o ego identifica uma diferenciação dentro dele, que seria chamada de ideal de ego ou superego, como abordado nesses dois trechos.

O superego, contudo, não é simplesmente um resíduo das primitivas escolhas objetais do id; ele também representa uma formação reativa energética contra essas escolhas. A sua relação com o ego não se exaure com o preceito: 'Você deveria ser assim (como o seu pai)'. Ela também compreende a proibição: 'Você não pode ser assim (como o seu pai), isto é, você não pode fazer tudo o que ele faz; certas coisas são prerrogativas dele.' Esse aspecto duplo do ideal do ego deriva do fato de que o ideal do ego tem a missão de reprimir o complexo de Édipo; em verdade, é a esse evento revolucionário que ele deve a sua existência. (FREUD, 1923, p.21)

Ambos os trechos mostram que o ideal de ego e o superego vivem um conflito entre o que é real e psíquico. Mas também não quer dizer que o superego não tenha compreensão do que seja proibido para o indivíduo.

Freud (1923) em suas considerações sobre o superego aborda que a maneira que ele surge, explica como se dá os conflitos do ego com as concentrações de toda a energia psíquica na representação de objetos do id, que poderá ser continuado em conflitos com o superego, o seu herdeiro.

Ainda sobre Freud (1923) quando o ego não consegue controlar de forma adequada o complexo de Édipo, essa concentração de energias originadas do id desempenhará uma função na formação de reação do ideal de ego. A relação entre essas duas instâncias sobre o ideal e seus impulsos instintivos do lcs resume o que o próprio ideal pode permanecer inconsciente e o que não é acessível ao ego.

É fácil demonstrar que o ideal do ego responde a tudo o que é esperado da mais alta natureza do homem. Como substituto de um anseio pelo pai, ele contém o germe do qual todas as religiões evoluíram. O autojulgamento que declara que o ego não alcança o seu ideal produz o sentimento religioso de humildade a que o crente apela em seu anseio. À medida que uma criança cresce, o papel do pai é exercido pelos professores e outras pessoas colocadas em posição de autoridade; suas injunções e proibições permanecem poderosas no ideal do ego e continuam, sob a forma de consciência (conscience), a exercer a censura moral. A tensão entre as exigências da consciência e os desempenhos concretos do ego é experimentada como sentimento de culpa. Os sentimentos sociais repousam em identificações com outras pessoas, na base de possuírem o mesmo ideal do ego. (FREUD, 1923, p.23)

Sendo assim, quando o ego não alcança seu ideal, há uma tensão e um sentimento de culpa, essas identificações que a criança tem com seu pai, tardiamente é deslocado para outras pessoas, como os professores ou pessoas colocadas em posição de poder como citado acima, onde almejam o mesmo ideal do ego.

Freud quis enfatizar que é no conhecimento sobre as teorias da sexualidade infantil e das instâncias que retratam o complexo de Édipo, são imprescindíveis para se compreender as doenças psíquicas. Partindo dessas considerações, busca-se compreender como esta criança vivencia atividades sexuais precoces, que estão suscetíveis ao equilíbrio de sua vida psíquica, podendo ser comprometidas frente ao abuso sexual.

2.2 Incesto e Abuso sexual

Os abusos sexuais contra crianças e adolescente vieram a ter atenção a cerca de meio século, apesar de serem praticados desde a Antiguidade (KRUGMAN e LEVENTHAL, 2005) e foi Freud no século XIX que surgiu como um dos primeiros autores a dedicar a atenção no abuso sexual infantil e no impacto que ele causava a

nível psicológico nas vítimas. Em suas práticas clínicas ele constatou que muitas das suas pacientes tinha sido vítimas de abuso sexual na infância.

O abuso sexual segundo a Organização Mundial da Saúde (1999) é o envolvimento de crianças em atividades sexuais na qual ela não tem capacidade ou compreensão para consentir, além de ferir as leis ou tabus sociais de uma sociedade. Segundo Rocha apud (MOUAMMAR 2012, p.10):

“Compreende-se por abuso sexual todo ato ou jogo sexual – relação heterossexual ou homossexual – cujo agressor esteja em estágio de desenvolvimento psicosssexual mais adiantado que a criança ou o adolescente. Tem por intenção estimulá-la sexualmente ou utilizá-la para obter satisfação sexual. Estas práticas eróticas e sexuais são impostas à criança ou ao adolescente pela violência física, ameaças ou induções de sua vontade. Podem variar desde atos em que não exista contato sexual (voyeurismo, exibicionismo), aos diferentes tipos de atos com contato sexual sem penetração (sexo oral, intercurso inter-fe-mural) , ou com penetração (digital, com objetos, intercursos genital ou anal). Engloba ainda a situação de exploração sexual visando lucros, como prostituição e pornografia.” (ROCHA, 2009, p.92)

Nas palavras de AMAZARRAY e KOLLER (1998, p. 561) apud RAMOS e JUNIOR (2010, p 73) “o abuso sexual pode ser definido como o envolvimento de crianças e adolescentes em atividades sexuais que não compreendem em sua totalidade e com as quais não estão aptos a concordar”

“O abuso sexual mais comum e o que mais escandaliza a sociedade é o incesto, também denominado de Abuso Sexual Intrafamiliar [...]” (MOUAMMAR, 2012, p.10), a respeito do incesto, de acordo com SALVAGNI e PFEIFFER:

“Os casos mais frequentes e violência sexual até a adolescência são decorrentes do incesto, ou seja, quando o agressor tem ou mantém algum grau de parentesco com a vítima, determinando muito mais grave lesão psicológica do que na agressão sofrida por estranhos.” (SALVAGNI e PFEIFFER 2005, p. 200)

Para obter uma compreensão de incesto na psicanálise temos que recordar Freud e conhecer seu estudo sobre os povos aborígenes australianos descritos em sua obra “*Totem e Tabu e outros trabalhos – 1913*”.

No capítulo “*Horror ao Incesto*”, Freud faz uma análise dos povos primitivos australianos comparando-os com os homens contemporâneos através de estudos antropológicos e psicanalíticos percebendo que não são tão diferentes, mesmo depois de anos de evolução. A proibição do incesto foi o ponto de partida

para Freud por estar atribuída na cultura e vida psíquica que viemos herdando desde os povos selvagens e semi-selvagens devido ao desenvolvimento humano. Em sua pesquisa Freud percebeu que esses povos possuíam a mais rigorosa proibição: às relações sexuais incestuosas, que se dá através de um sistema totêmico, um sistema onde não existe cultura social, religiosa e que teria como atributos comuns a exogamia, entendido como uma proibição das relações sexuais entre membros do mesmo clã.

O totem possui uma forma simbólica para cada clã representado por um símbolo particular e tem como função transpassar a sagrada obrigação de que se não for cumprida poderá ser castigado automaticamente. O totem dos povos aborígenes australianos é quem decreta a não relação sexual entre membros do mesmo clã, portanto não devem se casar.

As designações de parentesco não se referem a relações entre dois indivíduos se não entre um indivíduo e seu grupo. A exogamia totêmica, portanto, é a proibição das relações sexuais entre membros do mesmo clã e constitui-se num meio mais eficaz para impedir o incesto num grupo. A exogamia totêmica é uma instituição sagrada, um construto e é uma legislação consciente e institucional, a proibição do incesto, portanto, se constitui na reprodução do sistema totêmico. (PONTES, 2004, p.11)

Para conseguir lidar com as proibições o homem então criou o tabu que expressa o sagrado e perigoso, designando o caráter sujo de pessoas e objetos. Os[...] tabus são proibições que existiam com o fim de proteção, pois as restrições que o tabu provoca vão de encontro a desejos humanos anti-sociais, e, portanto, sua violação deveria ser punida. (GOLDENBERG, 2009, p.17).

Segundo PONTES (2004, p. 12) a partir de Freud, os tabus são:

[...] proibições antiquíssimas impostas desde o exterior a uma geração de homens que quicá inculcadas por gerações anteriores passadas, por culturas e heranças psíquicas. As proibições tabu, mais antigas e importante aparecem nas leis fundamentais do totemismo. Freud tem uma hipótese de que estes devem ser os desejos e os prazeres mais antigos do homem. E o perigo surge quando sentimos os desejos inconscientes como impulsos conscientes. (PONTES, 2004, p. 12)

O horror ao incesto, tido como o principal tabu totêmico, é para Freud um semelhante ao complexo de Édipo, um fenômeno central do período sexual da primeira infância e onde se observa o andamento de apaixonadas disputas, quando a

criança desenvolve uma rivalidade com o genitor do mesmo sexo, mas ao mesmo tempo desloca desejos hostis e amoroso para ambos os genitores.

De acordo com Mouammar (2012, p.13),

A solução do complexo de Édipo para a psicanálise é a interdição do incesto pelo recalque da pulsão, mas não só no sentido exterior, referente ao ato incestuoso, como e principalmente, no sentido simbólico dessa construção, a de um indivíduo que, barrando a pulsão, constrói-se definitivamente como sujeito, afastando-se de uma natureza estritamente irracional e intrometendo a lei.

Segundo MOUAMMAR (2012, p.10), após essas breves definições, retoma-se a reflexão abordando a primeira dimensão, da sexualidade humana e da natureza. Pode-se perguntar se o abuso sexual intrafamiliar é natural e que faz parte do humano. O horror da situação assusta e afeta confirmando que ele não é natural, desenvolvendo-se de uma aberração, uma perversão. Contudo, a psicanálise ensina que o homem possui uma natureza pulsional, própria da espécie, e sua humanidade é construída pela domesticação das pulsões, logo, a própria civilização é decorrência dessa interdição da pulsão. Aquilo que assimila o homem a um animal dentro do naturalismo freudiano é a pulsão sexual que faz parte da natureza humana. Completando a fala da autora:

O fato da existência de necessidades sexuais no homem e no animal expressa-se na biologia pelo pressuposto de uma “pulsão sexual”. Segue-se nisso a analogia com a pulsão de nutrição: a fome. Falta à linguagem vulgar [no caso da pulsão sexual] uma designação equivalente à palavra “fome”; a ciência vale-se, para isso, de “libido. (FREUD, 1905, p.128):

Ainda em Freud segundo de MOUAMMAR (2012, p.11), as necessidades sexuais do homem são compreendidas na existência da pulsão sexual e na obra *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*(1905), Freud irá mostrar que essa pulsão sexual sempre existiu, vem desde a infância, indo contra a opinião do século XIX de que ela passaria a existir somente na puberdade. Nesse artigo freudiano, o objetivo da pulsão sexual é ser amplamente variável, a pulsão independente do objeto e ela impele o homem na realização de sua satisfação. O objeto é a forma pela qual a pulsão alcança seu fim, descarrega o excesso de estímulo e seu propósito é o prazer sexual.

A investigação freudiana demonstra em primeiro lugar que a pulsão sexual é inata e inicialmente polimorfa, dispensar em várias pulsões parciais (oral, anal, fálica) para posteriormente estas serem unificadas a partir da puberdade em direção a uma pulsão genital propriamente dita. Se assim, a disposição sexual inicial do ser humano é perversa no sentido de uma gratificação exclusivamente auto erótica e de um prazer narcisista e exclusivamente onde o outro, quando ele existe, como objeto de prazer compartilhado. Será necessário um processo de contenção das pulsões pelo recalque como processo psíquico imprescindível e pela repressão das pulsões como processo exterior e civilizatório para pensarmos nesse sujeito humano e em uma civilização. (MOUAMMAR, 2012, p.12)

O Incesto com crianças e adolescentes é um meio de realizar fantasias de desejo e possuir o objeto de amor que se encontra no complexo de Édipo por meio de um ser humano perverso que impõe sedução e violência. O complexo de Édipo para psicanálise é a proibição do incesto pelo recalque da pulsão, barrando-a, afastando então de uma natureza irracional e interiorizando a Lei. Contudo, o que pode ser visto na criança acometida ao incesto é a vivência do real, do que estaria contido no campo das fantasias edípicas, uma presença boa realizada pelo pai e a mãe, uma experiência real de um mito, uma total falta de obstrução, da proibição do incesto e como resultado a não ligação entre o desejo e a Lei.

2.3 Conceito de trauma na perspectiva psicanalítica freudiana

O trauma vem do grego traûma, traumatos, traumatismós, que significa ferida, dano ou avaria. Segundo (FULGENCIO,2004, apud, FREUD)

Pode-se mesmo dizer que o termo "traumático" não tem outro sentido que econômico. Chamamos assim a uma experiência vivida que leva à vida da alma, num curto espaço de tempo, um acréscimo de estímulos tão grande que sua liquidação ou elaboração, pelos meios normais e habituais, fracassa o que não pode deixar de acarretar perturbações duradouras no funcionamento energético. (FREUD, 1916-17, p. 275)

O trauma se torna uma questão muito importante para ser discutida, inclusive ocupa lugar de destaque nas obras freudianas. Dessa forma, torna necessário compreender as consequências do encontro do sujeito com situações traumáticas, se tratando assim no período da infância.

A construção Freudiana acerca do trauma se iniciou no tratamento de seus pacientes adultos, onde a fala dos pacientes iam de encontro a lembranças de acontecimentos ocorridos ainda na infância. A partir daí Freud se lançou na construção e compreensão do trauma.

Segundo Freud “A psicanálise considera o trauma de forma mais ampla e complexa, entendido como um processo inerente à constituição psíquica, por outro lado, como algo que impede o afluxo pulsional e que paralisa o acontecer psíquico em alguma de suas dimensões.” (Viana & Zavaroni, 2015)

O trauma tem uma relação direta com o desenvolvimento da teoria psicanalítica Freudiana, e aparece em diversos momentos. Surge através de um excesso de excitação e desamparo do ego.

“De modo genérico, definimos como potencialmente traumática uma situação composta de circunstâncias impactantes, geradoras de pesar, que coloca a criança frente a perdas importantes, e que exige ou desencadeia (re)arranjos vivenciais significativos.” (VIANA E ZAVARONI, 2015, p.332)

De acordo (Laplanche e Pontalis 1988, apud, Viana e Zavaroni, 2015, p. 332) apresenta a seguinte definição de trauma:

Acontecimento da vida do indivíduo que se define pela sua intensidade e pela incapacidade em que se acha o indivíduo de lhe responder de forma adequada, pelo transtorno e pelos efeitos patogênicos duradouros que provoca na organização psíquica. Em termos econômicos, o traumatismo caracteriza-se por um afluxo de excitações que é excessivo, relativamente à tolerância do indivíduo e a sua capacidade de dominar e de elaborar psiquicamente estas excitações. (LAPLANCHE E PONTALIS, 1988, p. 678, grifos nossos)

Outra característica em Freud sobre a noção de trauma implica que nem sempre é desencadeado por um grande acontecimento; muitas vezes são situações corriqueiras vividas ou fantasiadas.

Segundo as autoras (VIANA & ZAVARONI, 2015, p. 332) relatam que “percebemos, já nesse momento, uma alusão não especificamente ao que foi vivido, mas às marcas deixadas pelas experiências de prazer e desprazer que a criança vivenciou”.

De acordo com FREUD (1950/1980)“(...)considera que essas experiências serão orientadas pela condição de desamparo à qual o recém-nascido está submetido

e às conseqüentes relações que estabelecerá, desde muito cedo, com os outros que dele se ocupam.” (VIANA&ZAVARONI, 2015, p.332)

Segundo os estudos de Freud sobre a elaboração teórica em torno do trauma, diz de uma compreensão de uma cena primeira que se atualiza em uma situação traumática atual. Tardamente com a descoberta da sexualidade infantil, Freud reconhece que a cena mais recente trará de volta o conteúdo sexual da cena infantil que permaneceu recalcado, visto dessa forma que ele irá falar da ação adiada do trauma; ou seja, a cena só torna-se traumatizante posteriormente.

Segundo a teoria do trauma que se estrutura em dois tempos, a cena traumática se forma na conjunção da cena primeira, recalcada, com a cena atual que evoca aquela. A cena atual reconduz o sujeito a um tempo anterior e o trauma está na obscuridade dessa relação. Portanto, para a psicanálise uma cena traumática é na verdade um evento psíquico miscigenado e não isolado na história do sujeito. (VIANA E ZAVARONI,2015, p.333)

Para Freud “(...) esta consiste na compreensão de que algo ouvido, vivido ou fantasiado que poderá não ter um efeito no momento de seu acontecimento, mas, por uma ação do recalque, pode ter sua ação adiada e comparecer apenas posteriormente na formação dos sintomas.” (VIANA E ZAVARONI, 2015, p. 333)

Freud no tratamento de seus pacientes verificou que nem sempre as cenas de sedução infantis, descritas correspondiam a realidade, muitos desses relatos correspondiam a cenas fantasiadas, sendo desse modo vivenciadas apenas na realidade psíquica do paciente.

As discussões realizadas no contexto acima apresentado apontam para os tênues limites entre fantasia e realidade. Os conceitos de realidade psíquica e realidade material são introduzidos por Freud para possibilitar que pensemos o interno e o externo em termos não espaciais (do dentro e do fora), mas como realidades que possuem o mesmo valor e que irão se apresentar em uma interdependência que caracteriza o movimento constante dos investimentos pulsionais. Por outro lado, embora o limite entre realidade psíquica e realidade material seja algo de difícil demarcação, esta última pode ser compreendida como as situações presentes no lócus onde o sujeito se insere. (VIANA E ZAVARONI, 2015, p. 333).

No abuso sexual infantil, em que a criança com a sexualidade ainda não desenvolvida na sua totalidade, pode ocorrer na vítima uma dificuldade de simbolização, sendo a criança lançada na situação traumática. Para Freud numa situação traumática existe sempre um excesso pulsional, onde o sujeito não disponibiliza de recursos suficientes para fazer uma elaboração.

Freud acrescenta elementos importantes sobre a compreensão do trauma, que consiste, basicamente, no entendimento de que o acúmulo de excitação, que poderá ser de origem externa ou interna, psíquica ou física, remete o sujeito ao estado de desamparo, considerado por Freud (1950/1980f) o protótipo da situação traumática. (Viana e Zavaroni, 2015, p.334)

Segundo Malgarim e Benetti (2010, p.3) São diversos os fatores que influenciam na experiência sexual traumática, como o tipo de experiência vivida, a relação entre eles, a força e o poder utilizados pelo abusador, dentre outros. Os diversos fatores descritos são determinantes do impacto no desenvolvimento emocional e cognitivo da criança.

Outra noção importante nas discussões sobre o trauma apresenta-se nas elaborações freudianas sobre o estranho. O encontro com situações potencialmente traumáticas exige do sujeito a operacionalização de uma via no trânsito pulsional que possibilite o escoamento da angústia gerada pelo encontro com o estranho (Unheimlich) (Freud, 1919/1980e), que pode ser interpretada como a (re)vivência de sensações primordiais de desamparo, que foram originalmente recalçadas, e que, provavelmente, sobrevivem no psiquismo infantil em forma de um estranhamento inominável. (VIANA E ZAVARONI, 2015, p. 334).

Em se tratando da clínica psicanalítica no caso da criança tem toda uma necessidade de proteção e sobrevivência que põem em relação à dependência ao outro e vivências de situações potencialmente traumáticas que constitui como fator mobilizador de experiências emocionais. Quando o sujeito exposto a este trauma ressalta-se ainda que poderá desencadear sofrimentos hostis e/ou transtornos, fatores estes que podem marcar a criança por toda a vida.

Segundo FREUD (1925-1926), todas as experiências durante a fase da infância são de grande importância para o indivíduo e em junção com sua constituição sexual herdada são os fatores chave para o desenvolvimento posterior do caráter e da doença.

Alguns eventos com sua ocorrência ainda na tenra idade, podem ter marcas significativas na vida sexual da criança – como ver atos sexuais praticados por adultos ou mesmo experimentar o ato com o mesmo, bem como ouvir conversas de teor sexual.

O material da análise de alguns pacientes permitiu-nos reconstruir certos acontecimentos externos, certos eventos impressionantes de seus anos de infância, dos quais não conservaram qualquer lembrança consciente. Acidentes felizes, informações de pais ou de amas ofereceram depois provas irrefutáveis de que essas ocorrências realmente se verificaram. Isto, naturalmente, não aconteceu com frequência, mas quando se verificou, foi com esmagadora impressão. A reconstrução correta, o senhor precisa saber,

de tais experiências esquecidas da infância tem sempre grande efeito terapêutico, permitam ou não confirmação objetiva. Esses eventos devem sua importância, naturalmente, ao fato de terem ocorrido numa idade tão prematura, numa época em que podiam ainda produzir um efeito traumático sobre o ego frágil. (FREUD, 1925-1926, p.134)

Para Freud, para se emergir na elucidação do trauma era importante a investigação quanto as questões relacionadas as situações vivenciadas na infância, ligadas a vida sexual do sujeito, sendo impossível a elucidação sintomática sem a imersão nos traumas infantis.

Basta compreender a função sexual em sua devida extensão, circunscrita pela disposição infantil. Nos casos em que se precisa incluir uma emoção banal na causação do adoecimento, a análise mostra regularmente que o efeito patogênico foi produzido pelos infalíveis componentes sexuais da vivência traumática. (Freud, 1901-1905, p.173)

Para a Psicanálise os processos sexuais estão no cerne dos traumas psíquicos. Segundo Malgarim e Benetti (2010, p.3), muitas vezes, há por parte da criança o sentimento de traição pois as pessoas (mãe, irmãos mais velhos, etc.) que a deveriam proteger não o fizeram. A criança procura meios para sair da referida situação, mas não vê meios, sendo submetida pelo adulto, tornando a situação ainda mais traumática. Segundo Finkelhor e Browne (1985) citado por Malgarim e Benetti (2010, p.3) a criança vive com o estigma do abuso, bem como a pergunta de por que foi a escolhida esses fatores podem ser os preditores do impacto do abuso no desenvolvimento emocional e cognitivo da criança. O vínculo da criança, bem como os laços afetivos que ligam a vítima ao abusador, se relacionam com o impacto da situação traumática na vida da criança.

2.4 Contribuições da Psicanálise na atuação com crianças vítimas de abuso sexual

No Brasil, cada vez mais, cresce os números de denúncias de casos de abuso sexual e com essa demanda aumenta a necessidade de profissionais da área da psicologia, seja para tratamento e suporte a essas crianças vitimizadas. Nesse

capítulo vale-se destacar as contribuições da psicanálise, como essa perspectiva lida com questões que perpassam o sujeito em análise.

Para Junior (2008, p.33,34) sobre a concepção da psicologia, a pessoa que atende

deve ter consciência de que trabalhar com crianças sexualmente abusadas interfere no seu psiquismo e pode despertar sentimentos bastante conflituosos que vão desde a compaixão pela vítima e repulsa ao agressor até uma espécie de “turvação”, que o impeça de enxergar coisas essenciais . A revelação do abuso sexual produz uma crise imediata nas famílias e na rede de profissionais (...) assim como a família, o terapeuta também é muito mobilizado emocionalmente durante o processo. Precisa estar atento às suas defesas, resistências e processos transferenciais e contratransferências que naturalmente surgem.

No processo analítico percebe-se a importância do vínculo transferencial, associação livre, atenção flutuante presentes no discurso. Como citado nos trechos.

JUNIOR (2008) chama atenção para o envolvimento dos profissionais quando trabalham com casos de abuso sexual, quando descoberto, estão em jogo reações emocionais causadas na família, mas também nos profissionais.

Ainda sobre Junior (2008) no que se refere à análise quanto à transferência há uma dificuldade em abster-se de uma escuta relacionada à proteção e moral sobre a criança. Quando o terapeuta está em análise há predominância de sentimentos sobre ele, como raiva, injustiça, que podem interferir inclusive, na elaboração do diagnóstico, requer um cuidado e manejo do profissional em questão.

(...) sobre os métodos que a psicanálise utiliza, um deles a questão das reações dos profissionais aparece como uma contratransferência que deve ser trabalhada no atendimento em questão. De acordo os autores sobre a contratransferência “(...) reações emoções inconscientes que o terapeuta vivencia na análise frente às investidas afetivas do paciente” (LAZZARINI, TAFURI, VIANA, ZAMBELLI, 2013, p.185)

A psicanálise, com seu método e manejo clínico próprios pode nos dar aparatos para levar em conta o que o sujeito diz. Como no trecho a seguir.

A psicanálise está voltada para a escuta do sujeito, que é do inconsciente, e que por definição é algo que escapa ao funcionamento da consciência, mas não só isso, ele é estruturado, ou seja, tem princípios de funcionamento próprios. Os sujeitos atribuem a outros fatores como causa de seu mal-estar, dizem respeito a como responderam a suas marcas inconscientes. Estamos falando de um sujeito originalmente responsável, por seu sintoma, por seu desejo, por suas escolhas, pelo modo que enlaça as pessoas com quem se relaciona, pelo modo que repete situações em sua vida, por seu gozo, etc (JUNIOR, 2008, 77,78)

A colaboração da psicanálise no processo de transformação social é de inestimável valor. Freud em seus artigos, O Futuro de um Ilusão, o Mal-Estar na

Civilização e outros trabalhos (1930), vêm retratar esse mal-estar que as pessoas sofrem na sociedade como citado no trecho acima. As exigências da sociedade, onde o sujeito em sua busca pelos seus desejos, sua felicidade, é limitada pelas leis que governam o indivíduo dentro da sociedade, de forma que ele fique alienado, causando assim o mal-estar.

No texto sobre o mal-estar na civilização, Freud iguala o conceito de cultura ao de civilização como se o ser humano se tornasse um animal civilizado, uma vez que aceita os regulamentos que o protegem da natureza e controlam sua relação com os outros indivíduos, estabelecendo uma certa organização social (FREUD, 1930, p.73-151)

Essa visão pode ser associada ao indivíduo e os animais, onde que o indivíduo em seu estado de natureza não estaria submetido às normas e padrões da sociedade, prevalecendo somente seus pulsões e vontades, como a necessidade de sobrevivência, mesmo com emprego da violência (FREUD, 1930, p.73-151)

No entanto há um sacrifício de cada ser humano em prol para viver em sociedade, onde cada indivíduo é levado a abdicar de suas pulsões, como se dá uma limitação da liberdade individual, reduz as chances de satisfação desse indivíduo, uma vez que será reprimido seus desejos, isso Freud vem chamar de mal estar (FREUD, 1930, p.73-151)

Segundo o autor o indivíduo possui tendências destrutivas, anti-sociais, anti-culturais, a cultura seria a causa de frustrações, pois os seres humanos não conseguem alcançar uma felicidade completa, é difícil lidar com as privações que são impostas pela sociedade (FREUD, 1930, p.73-151)

Essa impossibilidade de escolha talvez leve o indivíduo à quebra das normas, desde quando nasce se vê podado e controlado pela civilização sem poder de escolha, só obedecendo aos ideais de sua cultura, sendo assim se torna infeliz e insatisfeito, por isso nem sempre consegue lidar com as privações e repressão de suas pulsões, e acaba cedendo a elas, como exemplo, à sua tendência a agressividade, sendo a violência um dos maiores sintomas enfrentados pela sociedade (FREUD, 1930, p.73-151)

Nos dois trechos, ambos retratam de forma explícita a visão da psicanálise freudiana para se pensar os acontecimentos em sociedade. O mal-estar na civilização e o Totem e Tabu retratados na obra de Freud trouxe contribuições para se compreender a relação entre incesto e trauma.

O abuso sexual incestuoso é cometido por pessoas que não conseguem recalcar suas pulsões, sobre as exigências para viver na sociedade entra em desordem com a lei e pratica o abuso em crianças, visto dessa forma, ao vivenciar

essa situação, requer da criança um equilíbrio de sua vida psíquica no que tardiamente pode ser desencadeado um possível trauma.

Freud em sua obra sobre Totem e Tabu estabelece-a como fundadora da civilização. Onde que nessa história existia um pai terrível que possuía todas as mulheres, prevalecia só suas vontades, e acaba que teria sido assassinado pelos filhos, a partir disso se estabeleceu um contrato social, de que ninguém tomaria o lugar dele. O tabu do incesto surge disso, sendo a primeira lei que fundamenta a sociedade (FREUD, 1930, p.107)

Percebe-se então como se deu a criação de leis na sociedade, como na questão do abuso sexual, o indivíduo sofre exigências dessas leis, e quando ele não consegue reprimir, deixar de lado seus desejos, o simbólico falha e se tem a passagem ao ato. Na psicanálise, o corte a certas satisfações pulsionais e a relação de objeto para o indivíduo é função do pai em transmitir essas determinadas leis, uma delas seria a proibição ao incesto. Como citado abaixo.

Para a psicanálise, essa criança precisaria se assujeitar, não ao gozo de um outro, mas à Lei, ao qual os pais também estão submetidos e devem transmitir. A vida em civilização exige que o sujeito humano abra mão de certas satisfações pulsionais e da relação objetual, para poder viver em comunidade. O corte a essa relação é a função primordial de um pai. Esta é a primeira Lei transmitida, a proibição do incesto (MARQUES, 2006, p.111)

Portanto, na clínica é levada em consideração a subjetividade de cada indivíduo, pois existe um conflito psíquico do próprio sujeito, que resulta na formação de seus sintomas.

Segundo Marques (2006 citado por MORAES, 1998 p.111) nas psicanálises com crianças, quando se tem a escuta, uma forma de intervir é quando ocorre a transferência do paciente para o analista. Em análise quando utiliza a técnica, como as brincadeiras, à criança se abre e se tem uma repetição, ou seja, nesse momento ela reproduz simbolicamente vivências que foram traumáticas.

Nota-se que no que diz respeito à psicanálise que o indivíduo em atendimento é tomado por suas resistências que ocorre de forma inconsciente, no trecho acima demonstra que através das brincadeiras torna-se possível a criança reproduzir situações traumáticas que ela vivenciou e, dessa forma, trabalhá-las.

Na psicanálise o paciente tenta combater conscientemente as resistências, pois quer curar-se; esta se ocupa com uma forma mais simples e especial de descobrir o que está oculto da mente; "o propósito da psicanálise é absolutamente uniforme em todos os casos: é preciso trazer à tona os complexos recalçados por causa de sentimentos de desprazer e que

produzem sinais de resistência ante as tentativas de levá-los à consciência” (JUNIOR, 2008 p.80,81)

Na psicoterapia, a orientação é de que, o analista ajude o paciente a combater suas resistências, que muitas das vezes se encontra oculto na mente para poder assim livrar-se do sintoma e curar-se.

Segundo Freud (1911,1912a/1978 citado por MIGLIAVACCA, 2008 s/p);

(...) o campo analítico propicia a expressão de conteúdos do mundo interno do paciente que, em geral, nunca encontraram acolhimento anterior. Na relação com o analista, evidenciam-se não só conflitos que nunca foram elaborados, buscando então uma possibilidade de elaboração, mas também se vivem experiências novas. Ou seja, cria-se um campo de reconstrução de aspectos danificados do self, e também um campo de construção de condições internas para lidar com a própria vida psíquica, que nunca haviam sido construídas antes. Essa dinâmica está incluída no campo conceitual da transferência.

Segundo a autora Migliavacca (2008, s/p) a transferência é um processo pelo qual o paciente revive e re-atualiza na análise com o analista, ou seja, reproduz a vivência de conteúdos infantis que se encontrava inconsciente, onde se torna possível ser desvendados no processo analítico.

No processo analítico são fundamentais alguns métodos, como a associação livre, a transferência como citado acima e a ética profissional.

Para a autora Migliavacca (2008, s/p) a regra fundamental da psicanálise é a associação livre, isto é permitir que o paciente fale sobre tudo que lhe vier à mente, sem censuras ou julgamentos prévios. Portanto, em análise deve ter uma atenção flutuante para tudo aquilo que o paciente relata.

Portanto esses manejos clínicos são importantes para um relacionamento eficaz na terapia.

Ainda sobre Freud (1940/1978 citado por MIGLIAVACCA, 2008 s/p),

o grande centro ético da psicanálise é o reconhecimento da realidade psíquica e o amor à verdade. Esses dois aspectos são intrínsecos à postura metodológica analítica; eles constituem o cerne da função analítica, necessariamente desenvolvida no íntimo do profissional que se dispõe a investigar o funcionamento mental; e são inerentes ao processo de encontro do paciente com sua própria dinâmica psíquica.

No processo analítico, seu foco central é compreender a realidade psíquica do sujeito, onde que a transferência se torna uma das questões mais importantes para atuação do analista, pois esta serve como base para sustentar a relação entre analista e paciente.

Nota-se também a importância no processo analítico de enfatizar essa criança que a psicanálise trabalha que possui sentimentos, contradições, sexualidade, de ser analisada através do seu inconsciente, pois Freud tardiamente em seus atendimentos com suas pacientes histéricas fora compreender que o que se encontrava no cerne das doenças psíquicas era as teorias da sexualidade infantil, isto é o que ocorria na infância tinha uma enorme influência para desencadeamento de possíveis traumas.

3 METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS TÉCNICOS DA PESQUISA

Nessa etapa do trabalho descreveremos a forma que foi realizada essa pesquisa, através do tipo, cenário e os objetos utilizados para a coleta de dados teóricos.

3.1. Classificação da pesquisa quanto aos fins

O presente trabalho foi realizado através de uma pesquisa exploratória, com a finalidade de realizar um levantamento de dados literários sobre este tema.

De acordo Vieira (2002) citado por Fossá e Silva (2015, p. 6), a pesquisa descritiva

[...] pretende conhecer e interpretar a realidade estudada, sem nela interferir ou modificá-la, sendo assim, este tipo de pesquisa busca descobrir e observar os fenômenos, procurando descrevê-los, classifica-los e interpretá-los.

Dessa forma, esta pesquisa tem como objetivo fazer um estudo minucioso através de coletas de dados interpretando e analisando os fenômenos. Pode ser considerado como um levantamento bibliográfico sobre um determinado assunto.

3.2. Classificação da pesquisa quanto aos meios

O presente projeto vai se configurar em uma pesquisa bibliográfica que implica em dados e informações necessárias sejam obtidos a partir do levantamento de autores especializados através de livro artigos científicos e revistas especializadas, entre outras fontes e qualitativa que em outras palavras, quando os dados coletados são oriundos da "própria bibliografia", significa que a técnica utilizada para elaboração do tema em desenvolvimento é a pesquisa qualitativa (TOZONI-REIS, 2009).

O contexto e objetos de pesquisa aborda análise em Livros, Documentários, Monografias encontradas na biblioteca da Faculdade Doctum de Teófilo Otoni e revisão sistemáticas de artigos científicos.

3.3. Tratamento dos Dados

Após uma leitura criteriosa dos levantamentos bibliográficos em diversas obras científicas, sendo elas, livros, dissertação de mestrado, monografias, artigos na base de sites Google acadêmico, pepsoci e Scielo, utilizando os descritores: abuso sexual infantil, trauma, psicanálise freudiana, que procedeu na organização das informações na estrutura denominada Referencial teórico, buscando mencionar as informações mais abrangentes antes das informações mais específicas.

Ao mesmo tempo ia-se alcançando o objetivo de fazer uma análise e interpretação das obras psicanalíticas freudianas montando a Discussão acerca destas informações. Almejando a compreensão da temática de forma ampla, sempre tentando correlacionar com dados da atualidade, vincular matérias acadêmicas ministradas durante o curso, fornece ponto de vista pessoais, porém técnicos, enfim, mencionar todas as percepções do fenômeno, tendo em vista a importância que deve ser dada a criança vítima de abuso sexual intrafamiliar.

Senso assim, chegou-se à conclusão do estudo, colocando o trabalho de conclusão de curso em avaliação pela banca examinadora

4 DISCUSSÃO E RESULTADOS

A essência dos resultados e discussões se encontram embasadas na teoria psicanalítica Freudiana. Em se tratando de abuso sexual intrafamiliar observamos o impacto do fato na vida psíquica da criança, buscando como foco central compreender como o trauma pode ser desencadeado nas vítimas de abuso sexual intrafamiliar. Nessa perspectiva houve a necessidade de se buscar conceitos, informações de forma minuciosa para a compreensão desse sujeito.

Na obra de Sigmund Freud (1905) sobre os “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” volume VII, o autor sofreu críticas da sociedade por tratar de um tema que na época era pouco discutido. No tratamento de suas pacientes histéricas, o autor desenvolveu a teoria da sexualidade infantil, onde naquela época grande parte das pessoas bem como outros autores consideravam-na como inexistente, acreditando-se que ela chegasse na entrada da puberdade.

Freud (1905) caracteriza a sexualidade infantil em algumas fases, chamadas de fase de desenvolvimento psicossocial, a primeira onde a criança passa da amamentação como fonte de nutrição para o chuchar como fonte de prazer. Visto dessa maneira a criança desde o momento que nasce vivencia a sexualidade.

Dando continuidade as literaturas foram abordadas o complexo de Édipo na concepção Psicanalítica freudiana, onde se verificou que a criança em torno de 3 a 5 anos sente amor pelo genitor do sexo oposto e ódio pelo genitor do mesmo sexo, o que ocorre também de maneira contrária.

Discorrendo sobre a criança como sujeito da psicanálise, diante da literatura, esse sujeito da psicanálise é analisado desde suas raízes a sua construção psíquica, esse sujeito que a psicanálise se propõe não é apenas o sujeito consciente, mas também o sujeito do inconsciente. Para Freud a criança é percebida como um ser é dotado de desejos e sexualidade, não sendo tratado como um ser inocente. Portanto é necessário compreender a trajetória que o indivíduo passa para se constituir, pois está se inicia com os cuidados que a mãe tem com o filho nos primeiros momentos de vida e as experiências que pode advir dessa relação; onde vai proporcionar a criança ser inserida no seu processo de estruturação psicossocial, assim a mãe oferece a ela a oportunidade de existir, de ser sujeito. Freud em seu tratamento do caso “O pequeno Hans” evidenciou a sexualidade prematura em crianças, sendo o primeiro psicanalista a abordar sobre o uso do método trabalhado com crianças.

No tópico sobre incesto e abuso sexual, diante das literaturas abordadas percebe-se que um dos primeiros autores a debruçar sua atenção no abuso sexual foi Freud no século XIX. Ao tratar seus pacientes Freud observou que grande parte delas tinham sido vítimas de abuso sexual.

Em se tratando de abuso sexual intrafamiliar ou incesto, nota-se que Freud em seus estudos constatou que o incesto é praticado desde a antiguidade, a partir dessa constatação Freud desenvolveu sua obra "Totem e Tabu-1913" onde ele estuda os povos aborígenes australianos e sua cultura onde é imposta a proibição do incesto.

A civilização faz com que o sujeito domine suas pulsões embora o ser humano tem uma natureza instintiva, porém a sociedade vê com horror o ato incestuoso por ele ser colocado como um tabu. Com o declínio do complexo de Édipo e estruturação do superego o sujeito reprimindo suas pulsões afim de viver em sociedade.

Verifica-se nas literaturas psicanalíticas que o termo trauma aparece com significados diversos. O trauma é o conceito mais importante da nossa pesquisa e inclusive ocupa lugar de destaque nas obras freudianas. Por que tão importante? Em se tratando de abuso sexual as pessoas que o sofrem podem desencadear o trauma tardiamente na vida adulta. Freud se lançou na pesquisa acerca do trauma baseado nos relatos dos seus pacientes adultos, onde se observou que as patologias de seus pacientes estavam relacionadas as situações vividas na infância. Na teoria psicanalítica Freudiana o acometimento do trauma ocorre na atualização de uma segunda cena que se relaciona com a cena primeira que até então permanecia recalcada se tornando traumatizante nesse segundo momento. O autor constatou que nem sempre os relatos de suas pacientes correspondiam a realidade, mas estavam presentes em forma de fantasias na realidade psíquica. Freud indica que para decifrar o trauma é de extrema importância se debruçar nas vivências sexuais infantis.

Abordando as contribuições da psicanálise, se enfatiza a escuta quando se diz respeito ao inconsciente, a teoria responsabiliza o sujeito pelo seu sintoma. A clínica psicanalítica tem como premissa a subjetividade, verifica-se a importância de superar as resistências que se fazem presentes no processo psicanalítico na clínica infantil, fazendo uso de brincadeiras onde muitas vezes a criança reproduz a situação traumática.

Através da transferência o psicanalista ajuda o paciente trazer os conteúdos recalcados à tona, para que assim o paciente se liberte dos sintomas, pois a regra

fundamental da psicanálise é a associação livre, onde o paciente deve falar o que lhe vier à mente, sem julgamentos prévios.

Para a psicanálise analisar esse sujeito é preciso resgatar suas raízes levando em consideração o que se encontra oculto por ordem do inconsciente. A criança para a psicanálise é um ser que possui sentimentos, contradições, desejos, onde já nessa fase há predominância da sexualidade. O abuso sexual incestuoso representa um dos maiores problemas de saúde pública, onde Freud faz uma comparação ao instinto pulsional do indivíduo, onde que estes vivem em busca o tempo todo do prazer, de satisfação, no que muitas das vezes não consegue reprimi-lo, sendo assim, se obtém a passagem ao ato. A contribuição da psicanálise está em ajudar o indivíduo a combater suas resistências que se colocam em jogo em análise, para vir à tona o que se apresenta oculto na mente, para que assim consiga livrar-se dos sintomas para poder curar-se.

Freud em seus escritos demonstra que muitas crianças são colocadas como objeto sexual de forma prematura, isso acontece com adultos ou com outras crianças, esse é um dos motivos internos para o despertar da sexualidade na criança. O autor diz da importância da sexualidade para o estabelecimento da estruturação da subjetividade do sujeito; pois os eventos ocorridos na infância marcam significativamente a vida sexual da criança, situações que elas vivenciam como: ver atos sexuais sendo praticados por adultos, experimentar o ato sexual com um adulto ou outra criança ou ouvir conversa de teor sexual. Freud nos mostra que para se elucidar o trauma precisa-se investigar essas vivências da infância ligadas a sexualidade, emergindo nos traumas infantis. Para a psicanálise, os processos sexuais estão no cerne dos traumas psíquicos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao propor a discussão sobre o possível trauma vivenciado por crianças em situações de abuso sexual intrafamiliar, o presente estudo mostrou que nem todas as pessoas podem desenvolvê-lo, é uma questão própria de cada indivíduo, capacidade de cada um dominar e de elaborar psiquicamente a situação. Dessa maneira, os profissionais devem considerar os vários fatores envolvidos, como ocorreu a violência, duração, qual sentimento da criança frente ao ato e como essa situação impactou na sua vida psíquica.

O psicanalista tem um papel fundamental quanto a intervenção, com as crianças vítimas de abuso sexual intrafamiliar, pois o setting terapêutico passa a ser um ambiente acolhedor, onde o analista faz surgir a transferência para passar confiança e segurança para a vítima, para que ela se sinta protegida e a vontade para se abrir, falar de suas angustias, também com o objetivo de ajuda-los na ressignificação da experiência e redirecionamento de sua vida.

Em síntese, esse abuso sexual incestuoso pode causar danos à saúde mental da criança, pois pode interferir no seu desenvolvimento cognitivo, violando seus direitos de escolhas e trazendo limitações quanto a sua fase infantil e adulta. Portanto, se faz necessário o trabalho desses profissionais que envolve toda uma equipe interdisciplinar e focar na conscientização da criança e mobilização para prevenção do abuso sexual. As políticas públicas de saúde devem estar voltadas a crianças e adolescentes tendo como maior prioridade, o enfrentamento de toda e qualquer situação de violação de direitos.

REFERÊNCIAS

- AMAZARRAY, M. R.; KOLLER, S. H. Alguns aspectos observados no desenvolvimento de crianças vítimas de abuso sexual. **Psic. Reflex. Crit.** Porto Alegre. v. 11. n.3. 1998 Disponível em: <
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79721998000300014>
Acesso em: 24 de novembro de 2018
- BARBOSA, J. M. S.; CHAVES, W. C. A criança enquanto condição do sujeito em Freud: apontamentos para uma clínica psicanalítica com crianças. *Psicol. pesq.* [online]. 2016, vol.10, n.1, pp. 44-54. ISSN 1982-1247. Disponível em: <
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-12472016000100007>. Acesso em: 22 de outubro de 2018
- COSTA, A. M. A fobia do pequeno Hans. *Escola Paulista de Psicanálise*, São Paulo, 2016. Disponível em: <<https://www.apsicanalise.com/index.php/blog-psicanalise/48-artigos/365-a-fobia-do-pequeno-hans>>. Acesso em: 16 novembro de 2018.
- DESLANDES, S.; Mendes, C. H. F.; PINTO, L. W. Proposição de um índice do enfrentamento governamental à violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 31(8), 1709-1720, 2015.
- FLORENTINO, B. R. B. As possíveis consequências do abuso sexual praticado contra crianças e adolescentes. *Fractal: Revista de Psicologia*, São João Del-Rei, v.27, n.2, p.139-144, maio/ago. 2015. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1984-02922015000200139&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 22 de outubro de. 2018.
- FOSSA, A. H.; SILVA, M. I. T. Análise de Conteúdo: Exemplo de Aplicação de Técnica para Análise de Dados Qualitativos. Brasília. EnEPQ. 2013
- FREUD, S. (1913). Totem e Tabu. In FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. vol. 10. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. (1914) A história do Movimento Psicanalítico, Artigos sobre a Metapsicologia e outros trabalhos. **Edição Standard Brasileira das obras completas**, vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. (1923) O ego e o id e outros trabalhos. **Edição Standard Brasileira das obras completas**, vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1923) O ego e o id. **Edição Standard Brasileira das obras completas**, vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1927) O Futuro de um Ilusão, o Mal-Estar na Civilização e outros trabalhos. **Edição Standard Brasileira das obras completas**, vol. X. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1905). Um Caso de Histeria, Três Ensaio sobre a Sexualidade e outros trabalhos. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago. 1996

FREUD, S. (1910). Cinco Lições de Psicanálise. Leonardo da Vinci e outros Trabalhos. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1925). O Ego e o Id e outros trabalhos (1923-1925).). **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. vol. XIX, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FULGENCIO, Leopoldo. A noção de trauma em Freud e Winnicott. **Nat. hum.**, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 255-270, dez. 2004.

GOLDENBERG, F. *É possível uma sociedade sem culpa? O lugar da culpabilidade nos processos de subjetivação*. 2009. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 2009. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/13503/13503_3.PDF> Acesso em: 24 de novembro de 2018

HABIGZANG, L. F. et al. Avaliação psicológica em casos de abuso sexual na infância e adolescência. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Rio Grande do Sul, v. 21, n.2, p.338-344, abr. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010279722008000200021&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 03 de outubro. 2018.

JUNIOR, P. M. C. B. *O Sujeito Abusado da Psicanálise*. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Dissertação de Mestrado, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp095341.pdf>>. Acesso em: 24 de novembro de 2018

Krugman, R. D. & Leventhal, J. M. (2005). Confronting child abuse and neglect and overcoming gaze aversion: the unmet challenge of centuries of medical practice. *Child Abuse & Neglect*, 29, 307-309.

LAZZARINI, E. R.; TAFURI, M. I.; VIANA, T. C.; ZAMBELLI, C. K. Sobre o conceito de contratransferência em FREUD, FERENCZI E HEIMANN. **Psic. Clin.**, Rio de Janeiro, vol. 25, n.1, p. 179-195, 2013.

MALGARIM, B. G.; BENETTI, S. P. C.. O abuso sexual no contexto psicanalítico: das fantasias edípicas do incesto. *Aletheia*, Canoas, n. 33, p. 123-137, dez. 2010. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942010000300011&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 02 nov. 2018.

MARQUES, M. S. A Escuta ao Abuso Sexual: O psicólogo e o sistema de garantia de direitos da criança e do adolescente sob a visão da psicanálise. *Dissertação de Mestrado*. PUC-SP, 2006. Disponível em: <<https://tede.pucsp.br/bitstream/handle/17191/1/PSO%20-%20Margarete%20dos%20Santos%20Marques.pdf>>. Acesso em: 25 de novembro de 2018.

MIGLIAVACCA, E. M. Breve Reflexão Sobre o Setting. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, **Boletim de Psicologia**, vol. LVIII nº 129, 2008, 219-226. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/bolpsi/v58n129/v58n129a09.pdf>>. Acesso em: 25 de novembro de 2018.

MOUAMMAR, C. C. E. Abuso Sexual Infantil e Incesto: A ética da escuta na clínica de Françoise Dolto. **UNESP**, Piracicaba, p.09-19,2012

PACHECO, C. A. *O complexo de Édipo e sua importância no diagnóstico e tratamento*. 2009. Dissertação de Mestrado. Universidade Veiga de Almeida. Rio de Janeiro. 2009. Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp116153.pdf>> Acesso em: 20 de Novembro de 2018.

PFEIFFER, L.; SALVAGNI, E. P. Visão atual do abuso sexual na infância e adolescência. **Jornal do Pediatra**, Rio de Janeiro, vol. 81, nº 5, p. 197-204, 2005

PIZUTTI, J. M. *A constituição do sujeito na psicanálise*. 2012. 31f. Monografia. *Unijuí* – Universidade regional do noroeste do estado do Rio Grande do Sul, Ijuí, 2012. Disponível em: <<http://bibliodigital.unijui.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/1218/Jaqueline%20Pizutti%20monografia.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 25 de outubro de 2018.

PONTES, A. M. O tabu do incesto e os olhares de Freud e Levi-Strauss. *Trilhas*, Belém, ano 4, nº 1. p. 7-14, 2004.

PRISZKULNIK, L. A criança sob a ótica da Psicanálise: algumas considerações. *Revista de Psicologia da Vetor Editora*, vol. 5, nº.1, pp. 72-77, 2004.
ROZONI-REIS, M. F. C. Metodologia da Pesquisa. Curitiba: IESDE, 2009

VIANA, T. C.; ZAVARONI, D. M. L. Trauma e infância: Considerações sobre a vivência de situações potencialmente traumáticas. *Psicologia: teoria e pesquisa*. Universidade de Brasília, vol. 31 n. 3, 2015, p. 331-338.

ZORNIG, S. M. A. As teorias sexuais infantis na atualidade: algumas reflexões. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 12, n. 1, p. 73-77, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v13n1/v13n1a08.pdf>> Acesso em: 20 de novembro de 2018.